



RAMADA CURTO

Colombina e o telefone

*Peça fantástica, em 3 actos e 1 prólogo, representada pela
1.^a vez em 18 de Janeiro de 1940, no Teatro da Avenida,
pela Companhia Teatral Portuguesa*

3 ACTOS

Colecção
de Teatro
Português



RAMADA CURTO

111070 1185



Colombina e o telefone

*Peça fantástica, em 3 actos e 1 prólogo, representada pela
1.^a vez em 18 de Janeiro de 1940, no Teatro da Avenida,
pela Companhia Teatral Portuguesa*

3 ACTOS

NÚMERO 5
DO
I VOLUME

Editor - J. Roussado dos Santos - Lisboa - 1940
Rua do Crucifixo, 76, 1.^o - Telefone 2 6297

COMPOSTO E IMPRESSO NA
SOCIEDADE INDUSTRIAL DE
TIPOGRAFIA, Limitada / RUA
ALMIRANTE PESSANHA, 3 E 5

TEATRO DE FANTASIA

Quem se tiver dado ao trabalho de se interessar pelo que eu escrevo, reconhecerá facilmente que eu tenho uma certa predilecção — um fraco — pelas histórias e pelos personagens que não são inteiramente reais, a que se mistura uma certa *diablerie*. É assim que no meu teatro, com esta Colombina e o seu telefone, são já quatro as peças fantásticas. Corre para aí impressa uma histórieta minha, com o título de «Bianca Cappello», que é, de princípio a fim, uma fantasia delirante.

Por causa dessa novela os espirítistas portugueses julgando-me seu correligionário, mandaram-me, de graça, a sua revista. Aproveito o ensejo para os desiludir. Não sou, na verdade, espirítista. Não sou e tenho pena. Deve ser consolador falar com os mortos — para descansar da convivência com os vivos, quanto mais não seja. Pois dizia eu que com a Colombina, a Cadeira da Verdade, Mascarada e o Diabo em Casa, são já quatro as minhas peças fantásticas. O sucesso tem sido vário. Assim, por exemplo a «Bianca Cappello» pode classificar-se um êxito de venda. Não sei se a crítica reparou nela e não me interessa grandemente o facto. A «Cadeira da Verdade» foi um grande sucesso teatral. Em compensação o «Diabo em Casa» e a «Mascarada» não fizeram a décima-quinta. Pode mesmo dizer-se que esta última, a «Mascarada», foi «pelo buraco do ponto» à quarta representação, se não estou em êrro.

A-pesar-disso não a renego, à pobre peça, nem me arrependo de a ter escrito. Lá porque um filho tem pouca sorte, não vejo motivo para que o pai o renegue. Teimo mesmo

em pensar — que eu sou teimoso — que a «Mascarada» é, quando menos, curiosa. Não posso adjectivá-la com mais sobriedade e confesso que não digo tudo o que penso. Se um dia tivesse possibilidade de ser empresário, num teatro onde fôsse só eu a perder dinheiro, repunha a «Mascarada». Não precisava grandes actores. Bastava-me uma companhia com actores modestos, um bom ensaiador, e uma *boite* aconchegada e que levasse pouca gente. Não resisto à tentação de contar o que foi a «première» desta peça, a única em que, no fim do terceiro acto, eu ouvi aquêle arrastar de pés, que, diga-se o que se disser, é muito desagradável de ouvir e que se chama pateada.

O público que, decididamente, simpatiza comigo, — reagiu a meu favor, — mas o ruído lá estava, impicante, persistente, até que os pateantes desistiram para não provocar maior reacção.

O caso passou-se em S. Carlos. Teatro à cunha, sem um lugar vago. Um enorme palco de ópera onde as personagens do teatro declamado, se sentem deslocadas, como perdidas, distantes umas das outras. A peça passa-se entre gente de hoje, o mais de hoje possível, que se encontra por acaso, num velho castelo cheio de tradição e de lenda e se vê forçada a viver três dias, mascarada de gente antiga e naquêlê ambiente. O galã da peça não podia aparecer de calção e meia, à Luiz XV, porque tinha qualquer defeito numa perna. Em resumo — era *canejo*, como se diz nos meus sítios. E, por ser assim, vá de me pedirem se eu o deixava

ir de botas altas, em costume de militar do tempo, o que lhe disfarçaria o defeito. Concedi. Até ficava bem um galã militar — que os militares novos são, especificamente, galãs, em todos os tempos e classes e o actor lá calçou umas formidáveis botas de cano, de cabedal branco, e que, coitado, lhe custaram um dinheirão. E como a casaca dos oficiais, de em antes da Revolução francesa, é também branca, dum branco de neve da serra, o simpático rapaz parecia o D. Tancredo das toiradas, só com a nota azul do «cordão» de S. Luiz sobre o *dolman*, ou antes casaca, cujas abas lhe chegavam à curva da perna.

Ora sucedia que durante toda a peça e especialmente no 2.º acto, se falava muito da velha lenda do «grilo branco da lareira», a que a cinza das brasas muda a cor e que vive, escondido e taciturno, entre as seculares pedras, branco também por ser muito velho e só cantando quando anuncia amores e casamento. E era «grilo branco» para aqui, «grilo branco» para ali, versos líricos ao «grilo branco», etc. Chegou-se ao terceiro acto com a plateia indecisa e retraída, e em certa altura, há uma saída precipitada do galã, que foge, aterrado, para evitar encontrar-se com o velho Marquês de Fojos, espécie de D. Fuas da peça, no pavor que, só de o vêr, o velho descubra que êle passou a noite anterior no quarto da ingénua, que é do seu sangue.

Não contou o actor nem o ensaiador, com as abas da casaca a abanar, brancas de neve, na saída precipitada. Nem o actor, nem o ensaiador, nem eu e, é possível que a coisa

passasse, se não fôsse no silêncio da sala, ouvir-se numa frisa, uma voz fresca de criança perguntar com imensa ingenuidade:

— Ó mamã, êste é que é o grilo branco?

Ardeu Troia e estrugiu na sala uma gargalhada que deixou os actores desconcertados por terem, inesperadamente, tanta graça. O que valeu foi a peça estar no fim, porque, daí por diante já pouco se ouviu do desenlace.

Pois a-pesar dêste fracasso, recordo que no 2.º acto da «Mascarada», há um diálogo, que dura seis minutos, entre a ingénua da peça e uma morta, Mecia de Fojos, velha marquesa amorosa que sai do seu túmulo, para contar a uma descendente, a doce e trágica história dos seus amores. E êsse diálogo foi ouvido num religioso silêncio e a actrizinha que *ia ao papel* da morta — e bem galante e fina que ela era! — entrou e saiu de cena, envolta em gazes, como uma romântica sombra misteriosa, tendo cessado por completo as tosses habituais nas *primeiras*. Isto compensa-me inteiramente da gargalhada que provocaram as abas da casaca do galã a abanar, dando causa à pergunta ingénua da garota na frisa.

Com o «Diabo em Casa» deu-se uma história também interessante. No fim do primeiro acto dessa peça eu ouvi a mais espontânea e quente ovação da minha vida de comediógrafo. Veio tôda a gente à «caixa» abraçar-me.

Depois... Depois eu vou contar. Ia ao papel de Diabo, o actor brasileiro Leopoldo Froes. Foi até êste papel o último que o malogrado artista representou. E eu nunca vi, uma

figura tão nobre, tão diabólica, tão «elancada», como a dêsse grande artista que era um homem inteligente e culto. Só um actor francês, André Brulé, me deu, numa peça chamada l'«Epervier» uma aproximação em diabólico, cutilante, distinto, da que me deu a *belle prestance* do Leopoldo Froes. Os aplausos formidáveis que êsse primeiro acto teve, devo-os em grande parte, ao querido actor.

Mas o segundo e o terceiro acto foram o diabo, — não em casa mas em cena. O cenário do 2.º acto, representava — devia representar — um jardim, que eu tinha visionado como uma espécie de *decor* de ópera, com estátuas, renques de buxo, grandes árvores esguias e, ao fundo, muito distante, um céu de grandes nuvens e a fita prateada dum rio... Pois no próprio dia da representação, horas antes de começar o espectáculo, tiveram, obedecendo aos meus berros indignados, que me pintar uma casa, que constituía a direita dessa cena, porque a que me tinham pintado era tal e qual, sem tirar nem pôr — o *chalet d'aisance* da Avenida!

Emfim, um ignóbil cenário de *zarzuela chica*.

Os actores não sentiam a peça — nem sequer percebiam que a maior parte das vezes, era em verso. Culpa minha? Possível.

O terceiro acto foi como montagem uma coisa incrível. Havia ao fundo da cena um armário ou oratório que, ao abrir-se deixava ver o retrato duma artista ilustre, em corpo inteiro... E havia uma criadita chinesa e um bonzo chinês...

Aqui cabe o verso latino :

Infandum regina jubes reovare dolorem

Mas o pior não foi isto... O pior foi que a memória do Leopoldo Froes, já muito doente, só fixara o primeiro acto. Os outros não os sabia. Habitado no Brasil a improvisar em comédias de salão—e muito bem—aplicou a receita a um género de teatro totalmente diferente. Nas onze noites que a peça foi, cada noite dizia a sua coisa e a artista ilustre que com êle contracenava, passava tormentos, sem saber o que havia de lhe responder... Só dêsse desempenho, guardo, com encanto, a recordação de Maria Lalande, fazendo uma rábula no 2.º acto, duma forma tão encantadora e graciosa, que um autor nunca mais pode esquecer.

Estas minhas duas fantasias, teimo em pensar, que tiveram má sorte, por causas inteiramente extranhas ao seu valor — e porque o público não gosta de ser surpreendido, a não ser quando os actores o surpreendem, mas o dominam.

E foi porque isso se deu na «Cadeira da Verdade», que essa peça fez uma carreira esplêndida. O «Diabo em Casa» tem sido a minha peça mais representada por amadores, sempre com sucesso e das mais vendidas.

E esta «Colombina e o seu telefone» dominou o público, porque o Assis Pacheco ia muito bem no Comentador e a «Máscara» do 3.º acto teve ao seu serviço Brunilde, que é

artista e sabe o que faz. Isto quanto às personagens fantásticas.

E, das não fantásticas, todos compreenderão que eu saliente Irene Izidro, que fez a Colombina, com nervo, com alma, com talento, com garra.

A parte não fantástica da comédia é a historieta de duas almas de hoje, uma rapariga galante e um velho amoroso. Ambas estas figuras são contraditórias, frustes, feitas de retalhos, dignas de ironia e de piedade, para quem lhes sinta, através das suas contradições, a profunda humanidade que eu julgo tão flagrante, que supponho todos os dias, se encontrarem na plateia, a sua meia dúzia de Reinaldos e de Lauras.

Nas suas quarenta e tantas representações tive, quasi dia a dia, a prova de que não julgo mal, julgando assim. E hoje, é freqüente, na rua, ouvir capitular de «Colombinas», certas silhuetas galantes de mulher...

Por sinal que uma delas dizia indignada para uma amiga: — Colombina é uma *palhaça*!... Eu não sou *palhaça*!

Pois, claro que não é, coitada! — como diria o meu comentador, Mefistofeles simpatisante, que através de tôda a peça, tem, sempre pronta, uma justificação, um enternecimento, uma palavra de simpatia e concordância, com a linda rapariga.

Este meu *gnomo* é tal qual como eu, julga que só os novos têm razão — só por serem novos. A quem elle não perdoa é ao Reinaldo — por que, coitado, é velho.

Exactamente como eu, que chego a achar graça até aos

garotos malcreados, que fazem *pied de nez* e atiram pedras às pessoas.

Mereceria a pena contar a anedota de Laura e de Reinaldo — misturando-lhe a Júlia, a criada confidente e o seu mais que tudo, o Lulú, *bonitote* que se ama e se alimenta a ovos estrelados, fiambre e vinho do Pôrto? Eu acho que sim e tanto acho que a contei. Tanto mais que me parece bem contada, viçosa, como tôdas as coisas que têm vida. E, estou contente, porque a crítica também achou o mesmo, foi muito amável, muito lisongeira para mim, e a peça fez uma linda carreira — numa Empresa teatral que vive sem subsídios e paga renda e *cativos*.

Não escondo no entanto que, a-propósito desta comédia, nem tudo foram rosas.

Intimaram-me a sair para fora da Arte — com A grande — pessoas que, já se deixa ver, ficavam lá dentro, com todos os direitos.

Eu, é claro, se elles ficavam dentro, não hesitei e saí, — fiquei de fora. Cada um no seu lugar. E, desde já declaro, que estou disposto a dar-lhes tôda a razão. Das pessoas que conheço sou eu, talvez, a única que pensa assim, mas que havemos de nós de fazer, isolados, contra tôda a gente que pensa e diz o contrário?

R A M A D A C U R T O